

Futebol e imprensa: paixão e negócio

Luciano Deppa Banchetti*

Resumo

Ofutebol, aolongodosanos, trouxeconsigoelementosquepossibilitaram a construção de narrativas que priorizaram difundir um discurso homogeneizador. A partir, principalmente, de Mário Rodrigues Filho e de Tomás Mazzoni, discursos voltados para elaboração de uma ideia de identidade unitária vêm sendo reproduzidos constantemente não apenas por cronistas, mas, também por diversas áreas da própria academia – que nos últimos anos cada vez mais se debruça sobre o tema. O objetivo deste artigo é identificar e problematizar algumas dessas construções, voltando-nos para questões que procuram perceber a que grupos e interesses tal modelo de discurso atendia e, por que não dizer, ainda por ventura atende.

Palavras-chave: futebol; esporte das multidões; crítica esportiva.

Abstract

During the years soccer has brought rudiments that made possible the construction of narratives which prioritized the dissemination of a homogenous speech. Mainly from the discourses written by Mário Rodrigues Filho and by Tomas Mazzoni which pointed to the building of a single identity which not only have been constantly reproduced by columnists but also by several groups from the academy itself – which during the last years have been dealing with the subject. Therefore the main objective of this article is to identify and to problematize some of these constructions giving importance to questions which want to know what kind of groups and interests this model discourse considered and why not say they still do.

Keywords: football (soccer); sports of crowds; sport review.

* Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, área História Social, PUC-SP.
Bolsista do CNPq.
E-mail: deppa04@gmail.com

Dessa dicotomia entre, por um lado, “o nacional”, último refúgio das paixões do mundo antigo, e, por outro lado, o “transnacional”, trampolim do ultraliberalismo do mundo novo, resulta, para os amantes do futebol, assim como para os meios que gravitam em torno desse esporte, uma verdadeira esquizofrenia, extremamente complexa (...) que ilustra perfeitamente o mundo ambivalente no qual todos nós vivemos.

(Pierre Brochand)

Futebol: negócio global

A esfera do esporte como um todo, mas, mais especificamente, a modalidade do futebol, viveu um processo, não apenas no Brasil, mas em diversas outras partes do planeta, que percorreu todo o século XX e o transformou num elemento articulador de um campo vasto e dinâmico da economia em todos os níveis, desde o regional até o global. Nessa primeira década do novo milênio, conseqüentemente, percebe-se que a atividade está sendo encarada como um lucrativo negócio a ser cada vez mais explorado e potencializado para os altíssimos lucros possíveis diante de uma economia globalizada.

Por outro lado, o futebol só se transformou nesse produto de grandioso interesse capitalista devido aos, não muito menores, interesses com que os mais diversos grupos humanos demonstraram ao longo dos anos por ele. “Graças à televisão global, esse esporte universalmente popular transformou-se em um complexo industrial capitalista de categoria mundial (...)” (Hobsbawm, 2007, p. 93). Portanto, mesmo buscando tempos mais remotos, por exemplo, o do desgastado amadorismo da década de 1920 ou, de maneira muito mais óbvia, atentando-se para o momento atual em que se percebe um grande apelo dos meios de comunicação em geral, existe, sem dúvida, nesse “complexo” - antes de tudo “industrial” - um envolvimento substancial em que se transpõe divisões de classe, etnia, gênero; diga-se de passagem, aspectos muito próprios do consumismo. Conseqüentemente, o futebol acaba por se inscrever como mais um significativo elemento cultural das diversas sociedades, interferindo de forma muito direta nas relações cotidianas. Por isso, justamente, acreditamos que nossas reflexões devem constantemente voltar-se para o debate em relação a tal situação, envolvendo as mais variadas áreas do conhecimento.

Devemos perceber, assim, que, na ânsia de lucros cada vez mais sensacionais, os grupos que monopolizam o controle dessa prática que, ao menos desde os anos 1920 já foi identificada como “esporte das multidões”, traçam estratégias administrativas e organizacionais que acabam por interferir diretamente em diversas questões sociais e culturais que se transferem rapidamente do âmbito mais global, ou geral, para os modos de vida locais. Em outras palavras, o futebol enquanto prática oficializada por uma entidade supra-nacional, como o é a Fifa (*Fédération Internationale de Football Association*), administrada por grupos que monopolizam o controle do esporte através das federações nacionais e regionais, insere medidas que repercutem diretamente no cotidiano das pessoas e das instituições, interferindo, obviamente, nas culturas das mais diversas localidades. E, nesse processo, a imprensa assume um papel fundamental, já que ela serve de interlocutora entre esses órgãos oficiais do futebol e a sociedade.

No entanto, os assuntos que prevalecem nos meios de comunicação de largo alcance enfatizam aparentemente aspectos bem mais reduzidos do universo futebolístico. As notícias da imprensa em geral, tomando o caso brasileiro para análise, por meio das famosas “mesas-redondas”, dos comentários diários de cronistas, da seleção dos assuntos a serem noticiados, trazem à público, a despeito das inúmeras horas gastas cotidianamente para com o futebol, assuntos que ficam muito aquém de todo esse universo. Nesse sentido, podemos citar como exemplo notícias e comentários que se dedicam a apurar os aspectos mais privados da vida dos jogadores e dos relacionamentos dentro e fora de cada equipe, já que nitidamente alguns atletas passaram a ser tratados, cada vez mais, como celebridades semelhantes aos artistas do cinema e da televisão.¹ Ou, por

1 Um exemplo, entre tantos que podiam ser citados, trata-se da matéria de capa do jornal *Lance!*, de 17/9/2009: “Revelações de Ricky: entrevista exclusiva”. A manchete, assim como toda a página de apresentação do periódico, explora a imagem do jogador Richarlyson, do São Paulo F. C., que possui um histórico de referências, por parte inclusive de outros profissionais do futebol, a respeito de sua possível homossexualidade. A questão da opção sexual do jogador começou a fazer parte do noticiário da grande imprensa, sobretudo, após o dirigente José Cyrillo Jr., da S. E. Palmeiras, ter, supostamente, dito que o atleta tricolor era homossexual em rede nacional de televisão. Sentindo-se ofendido, Richarlyson processou o dirigente e em 5 de julho de 2007, o juiz da nona vara criminal de São Paulo – Dr. Manoel Maximiano Junqueira Filho – em 18 tópicos argumentativos, concluiu a ação: “(...). 16 – Precisa, a propósito, estrofe popular que consagra: “CADA UM NA SUA ÁREA, CADA MACACO EM SEU GALHO, CADA GALO EM SEU TERREIRO, CADA REI EM SEU BARALHO”. 17 – É assim que eu penso... e porque penso assim, na condição de Magistrado, digo!. 18 – Rejeite a presente Queixa-Crime. Arquivem os autos. (...)” [grifos e caixa alta do próprio documento]. Disponível fac-símel da sentença em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/20070803-caso_richarlysson.pdf (consultado 10/11/2009)

outra, como na maioria das vezes, é trazido pela mídia assuntos que priorizam sobremaneira os confrontos entre clubes e seleções, ou seja, as atenções voltam-se enfaticamente para as rivalidades. Sem dúvida, não podemos negar que aí temos uma das essências dos esportes coletivos, principalmente do futebol, porém a maneira com que se trata essa questão, ainda mais em datas próximas aos jogos de maior interesse, quase sempre acaba por gerar e/ou potencializar um clima de tensão exacerbada (Feitosa, 2009).

Assim, procuramos ir além desses aspectos mais ressaltados pela mídia. Buscamos aqui nos indagar a respeito de como e em qual grau a imprensa serve de interlocutora entre as medidas organizacionais e administrativas do futebol oficial e a sociedade em geral. Nessa relação futebol-imprensa-sociedade, através de uma análise historiográfica que abre mão de um recorte temporal muito rígido, mas que podemos dizer está entre os anos que marcam o final da primeira metade do século XX e início da segunda, indicamos alguns momentos que já apontavam para uma tendência que marca a situação atual, mas que, por outro lado, também possui algumas diferenças provocadoras. Quanto ao nosso enfoque geográfico, nos voltamos para a análise referente ao futebol oficial nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, já que esses principais centros urbanos do Brasil tomaram para si a direção dessa prática desde os primeiros momentos até a atualidade.

A imprensa na constituição e difusão desse negócio

Dessa forma, buscando aqui uma breve reflexão a respeito de algumas das “imagens” que foram difundidas pela imprensa a respeito do futebol, voltamos nossos olhares para os cronistas. Homens que, já no final dos anos 20 especializavam-se no trabalho junto ao desporto em geral, mas principalmente, com relação ao futebol e que ao longo dos anos profissionalizaram-se e ganharam reconhecimento tanto entre os envolvidos diretos como quanto aos que apenas se interessavam pelas informações gerais do esporte. Sem medo de errar, podemos dizer, que junto com o trabalho desenvolvido pelo rádio, foram estes que contribuíram tanto para o estabelecimento quanto para a difusão do futebol das principais ligas da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro (Negreiros, 1998; Capraro, 2007).

Consequentemente, essa atividade também permitiu que o processo de estabelecimento e difusão do futebol se desenvolvesse na maioria das vezes em acordo com as ambições de alguns grupos que por esses cronistas e por alguns órgãos da imprensa eram representados. E, a partir desse ponto, acreditamos que seja relevante passarmos a nos perguntar em que consistia esse trabalho, qual o formato e o teor das crônicas, quais os objetivos principais dessa atividade.

Sem dúvida, os profissionais mais reconhecidos construíram narrativas cativantes. Dominavam a arte da escrita e dela faziam uso para trazer aos que desejavam se aproximar ao máximo da “arte da bola” as emoções do jogo de futebol, assim como os principais dados das partidas. Para alguns escritores, suas crônicas eram destinadas a seduzir seus leitores através de narrativas recheadas de figuras de linguagem em um tom profundamente poético (muitos, por sinal, eram reconhecidos romancistas). Para outros, os escritos dedicavam-se à análise preocupada com as diversas concepções técnicas e organizacionais do futebol, tratavam-se de ricas enumerações de dados estatísticos e administrativos, não apenas das partidas, pois somavam-se às opiniões a respeito da política desse meio, inclusive.

Nesse sentido, exemplificando muito bem esses modelos de crônicas, destacamos os trabalhos de dois jornalistas importantíssimos para o futebol de suas respectivas cidades e que contribuíram para os primeiros passos da grande popularidade alcançada por essa modalidade no Brasil: Mário Filho e Tomas Mazzoni. Homens que desde os anos 1930 se dedicaram ao universo futebolístico, promovendo o fenômeno social de largo alcance nas terras brasileiras que rapidamente se tornou o futebol e que procuraram também através dele indicar como deveria ser a característica geral não só do jeito de jogar do brasileiro, mas do próprio “ser” brasileiro.

Crônica esportiva no Rio de Janeiro: futebol, nação e mestiçagem

Destacamos primeiramente o trabalho de Mário Rodrigues Filho. Apesar de nascido no Recife, teve toda sua trajetória profissional percorrida em terras cariocas. Pioneiro em várias iniciativas, seu espírito empreendedor junto à imprensa e ao esporte o colocou entre um dos

mais importantes nomes do meio no Brasil. Em 1931, criou o *Jornal dos Sports*, o primeiro do país destinado exclusivamente à cobertura esportiva, com prioridade ao futebol, atingindo grande sucesso. Auxiliou na própria organização e difusão da prática futebolística, assim como no alcance popular obtido pelos clubes cariocas. Através de seu diário esportivo, trazia a público matérias a respeito da biografia e do cotidiano dos jogadores,² promovia o encontro entre “grandes” clubes do Rio de Janeiro,³ assim como contribuía também para ampliar a dimensão das rivalidades regionais já estabelecidas, já que ajudara a promover marcantes campeonatos: o Rio-São Paulo⁴ e a Copa Rio,⁵ por exemplo. Além da dedicação à elaboração de outros eventos que sempre perseguiam os maiores índices de popularidade.⁶ Em resumo: “com essas ações Mário Filho dava sua contribuição ao desenvolvimento do futebol como espetáculo de massas” (Antunes, 2004, p. 129).

Assim, podemos afirmar que o trabalho de Mário Filho possui dois momentos decisivos para a concepção de futebol no Brasil. O primeiro relaciona-se com o que acabamos de descrever, ou seja, em que há a preocupação de estabelecer o gosto pelo futebol por parte do maior número de pessoas possíveis, a partir do Rio de Janeiro, e, depois para o envolvimento do restante dos brasileiros. Tais atitudes estão em acordo com as necessidades do próprio investimento empresarial deste jornalista. A luta pela promoção do futebol carioca articulava-se perfeitamente com o desenvolvimento de seu próprio negócio, ou seja, sua busca era que o *Jornal dos Sports* se mantivesse e rendesse os lucros esperados

2 Em 1928, antes mesmo de fundar o *Jornal dos Sports*, ainda como gerente do diário *A Manhã*, de propriedade de seu pai, realiza uma entrevista de meia página com um dos primeiros goleiros consagrados do futebol brasileiro, Marcos Mendonça, do Fluminense Foot-ball Club. Utilizou, ainda, uma linguagem bem menos formal que o comum para o período, outra novidade de Mário Filho que procurava aproximar o leitor à fala das ruas, do estádio (Antunes, 2004, p. 125).

3 Em 1933, por exemplo, batiza o prélio entre o Clube de Regatas Flamengo e Fluminense Foot-ball Club, com um nome bem mais popular: “Fla-Flu”, apelido que há mais de 70 anos serve como referência para se falar dos grandes jogos do futebol brasileiro.

4 Campeonato entre os principais clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro que nasce em 1933 e volta a ser realizado em 1940, quando foi paralisado novamente. Em 1950, volta à existência e passar a ocorrer regularmente até 1966, sob o nome oficial de Roberto Gomes Pedrosa. O torneio em 1993 foi retomado, com relativo sucesso, em comparação ao momento anterior. Em 2002, dá-se a última edição.

5 Torneio internacional, realizado no Brasil, nos anos de 1951 e 1952 (Rodrigues Filho, 1964, pp. 261-238).

6 Para manter as vendas de seu jornal, no intervalo entre as competições futebolísticas, bem longos à época, ainda mais em comparação com os atuais que praticamente inexistem, Mário Filho criava eventos de grande repercussão pública; dessa maneira em 1931 promove a primeira competição carnavalesca e, alguns anos depois (1947) os Jogos da Primavera (Castro, 1992).

apenas com as vendas dos exemplares, já que não aceitava propagandas de empresas em seu diário esportivo. Daí a necessidade da promoção constante de grandes eventos. O futebol, dessa forma, era um importante aliado (Castro, 1992).

Para analisar o segundo momento, tomamos como principal fonte, além das crônicas escritas para os jornais,⁷ a obra de maior repercussão de Mário Filho:⁸ *O negro no futebol brasileiro*, lançado em 1947, pela Irmãos Pongetti Editores e reeditado no ano de 1964, pela Civilização Brasileira. Nesse trabalho, como já problematizado por diversos estudiosos (Souza, 2008), o autor se propõe a construir uma narrativa histórica a respeito do futebol no Brasil (porém, a ênfase está sobremaneira na análise de uma realidade mais local – a disputa entre os clubes tidos como “grandes” do futebol carioca).

Relevante para nossas preocupações no momento, é notar que nitidamente a intenção de Mário Filho aproxima-se por demais das concepções de Gilberto Freyre – que, por sinal, prefacia a obra – acerca da presença de uma harmonia racial que seria própria da sociedade brasileira apesar de sua diversidade. Coloca-se, assim, o futebol como o “lugar” em que o negro no Brasil teria vivido não apenas a sua incorporação, mas, inclusive, sua “ascensão social”. Entendemos, por consequência, que ao acompanhar a tendência científico-literária freyreana que, por sua vez, procura promover não só a incorporação, mas também a contenção do corpo do “outro” (negro) no que se idealizou como corpo da nação brasileira (Arroyo, 2003),⁹ Mário Filho busca estabelecer o lugar de expressão desse corpo: o campo de futebol (perceba-se aqui que não se refere a uma incorporação do elemento negro nem ao menos no meio futebolístico como um todo, já que, nitidamente, na narrativa de Mário Filho, ao afro-descendente é destinada a função de jogador e tão somente).

Tem-se, portanto, os passos decisivos para a construção de uma idéia de futebol no Brasil que seria exaustivamente reforçada e que chega até nossos dias. Podemos dizer, diante de nossas leituras, que tal

7 Simultaneamente ao *Jornal dos Sports*, escrevia também para *O Globo*.

8 Outras publicações de destaque no meio futebolístico de Mário Filho: *Copa Rio Branco*, 32 (1932); *Histórias do Flamengo* (1946); *O Romance do Futebol* (1949); *Copa do Mundo de 62* (1962); *Viagem em torno de Pelé* (1964).

9 Ver: Capítulo I “Travestismos Culturales: culturas nacionales, cuerpos y mestizaje”.

concepção acabou por “contagiar” inclusive muitos trabalhos acadêmicos de diversas áreas, já que *O negro no futebol brasileiro* é utilizado quase que invariavelmente como fonte principal. E por fim, acaba-se por se reproduzir, em muitas das vezes, “construções arbitrárias e unificadoras da história” que, acarretam uma série de contradições, principalmente envolvendo o apagamento ou a contenção de determinados grupos (Bhabha, 1998).¹⁰

Esse legado de Mário Filho pode ser encontrado nos cronistas contemporâneos a ele e que o sucederam. Alguns de grande influência em outros setores da sociedade e que continuaram a escrever sobre o futebol como um fenômeno único no Brasil, reforçando cada vez mais a ideia que de que era através dele que se definia o caráter nacional da população brasileira. Nomes que se destacaram para além do jornalismo, que gozavam de grande prestígio em outras áreas, tidas como mais importantes, que envolviam a arte de escrever, como Nelson Rodrigues¹¹ e, principalmente, o literato José Lins do Rego. Este último, vale destacar inclusive que ocupava posição dentro do futebol oficial, já que foi dirigente do Clube de Regatas Flamengo e da CBD¹² (Confederação Brasileira de Desporto, órgão máximo do comando dos esportes no país daquele momento). Outro nome que deve ser lembrado e que continua atuante até nossos dias, é o de Armando Nogueira que forma o:

[...] quarteto de cronistas estabelecidos no Rio de Janeiro (...). Tamanha é a importância de tais literatos que notória foram suas contribuições de um ideal que até a atualidade vincula o selecionado de futebol brasileiro à categorias como nacionalidade, identidade, progresso e retrocesso, raça e, principalmente, pátria. (Capraro, 2007, p. 206)

Vale, portanto, antes de partirmos para análise de outro modelo de crônica esportiva encontrado nas terras paulistas, nos deter um pouco mais sobre o papel desempenhado pelos até aqui já citados. Tomemos o caso de José Lins do Rego. Em 1950, ele inaugura o tom dos discursos

10 Ver: Capítulo VIII “dissemiNAÇÃO”.

11 Renomado autor do teatro e da literatura brasileira e irmão de Mário Filho.

12 Após chegar ao Rio de Janeiro em 1935, torna-se sócio-contribuinte do Flamengo em 1939; em 1942, assume o cargo de secretário-geral e em 1948, vira sócio-proprietário do clube. Com relação à CBD, foi secretário-geral em três oportunidades: 1946, 49 e 52; além de ter assumido interinamente a presidência em 1950, envolvendo-se com a organização publicitária da Copa do Mundo disputada esse ano no Brasil. E, inclusive, chefiou a delegação brasileira de futebol no campeonato sul-americano de 1953 e na V Copa do Mundo (1954).

que muitos iriam repetir – e ainda repetem – sobre a derrota da seleção brasileira no jogo decisivo do mundial realizado no Brasil e que ficou também conhecido como a “tragédia do Maracanã”. Em sua coluna diária do *Jornal dos Sports* – “Esporte e vida” - dois dias após ao “16 de julho”, sob o título “A derrota”, comenta:

Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. (...) E, de repente, chegou-me a decepção maior, a ideia fixa que se grudou na minha cabeça, a ideia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias. A vil tristeza de Camões, a vil tristeza dos que nada têm que esperar, seria assim o alimento podre dos nossos corações.¹³

Em outras palavras, um “povo” que se entristeceu no Maracanã, transformou-se, na trajetória criada pelo renomado intelectual, em um “povo” que em essência seria perdedor. O cronista resgata a figura mítica de Camões e, por fim, transforma em sua narrativa *todos os brasileiros* em derrotados.

Nesse sentido, avancemos um pouco e busquemos 1958. Nesse ano a seleção brasileira chega ao título de campeã mundial em gramados da Suécia. Surpreendendo os céticos, com jogadores que dentro de pouco tempo passaram a ser cultuados por muitos que difundiram por demais essa ideia, como verdadeiros heróis e exemplos do que seria, ou deveria ser, *todo o brasileiro*. Imediatamente à conquista escreve Nelson Rodrigues, em tom ufanista, sobre como a recepção aos mais que atletas, aos heróis-modelo, era uma espécie de “obrigação” de todos:

Convenhamos que este *scratch* as merece. Merece por tudo: não só pelo futebol, que foi o mais belo que os olhos mortais já contemplaram, como também pelo seu maravilhoso índice disciplinar. Até este campeonato, o brasileiro julgava-se um cafajeste nato e hereditário. Olhava o inglês e tinha-lhe inveja (...). Então, se verificou o seguinte: o inglês tal como o concebíamos não existe. O único inglês que apareceu, no Mundial, foi o brasileiro. (...) É uma alegria sermos brasileiros, amigos!¹⁴

13 *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 18/7/1950.

14 *Jornal Última Hora*, “A alegria de ser brasileiro”, 1958.

Nelson Rodrigues, da mesma forma que José Lins do Rego, reforça a ideia de identidade unitária. Através da vitória, todos considerados brasileiros, redimiam-se e, assim, percebiam e podiam desenvolver todo o seu potencial. A vitória da equipe, para Nelson, em seu discurso, estava ligada a uma vitória de todos, inclusive permitindo uma aproximação, ou até mesmo, uma substituição dos ideais eurocêntricos de comportamento pela cultura brasileira. Era, enfim, a conquista de uma vitória da disciplina de um povo mestiço, que deixava de ser complexado¹⁵ e não conseguia enxergar seu verdadeiro potencial em relação ao branco europeu – ideal há muito perseguido.

Crônica esportiva em São Paulo: intervenção, disciplina e negócio

Em São Paulo, observa-se uma crônica, além de dividida, com outras preocupações e objetivos para o futebol. Claro que em primeiro plano sua difusão estava presente. Porém, ao contrário do Rio de Janeiro, a relação entre os clubes e as demais forças do futebol paulista não gozavam da mesma estabilidade e, dessa forma, constantes cisões, rompimentos de relações, criações de novas ligas, trocas de nomes, assim como, extinção e criação de novos clubes, abalavam as bases ainda frágeis do futebol paulista.

É nesse contexto que surge o trabalho de alguns jornalistas e, dentre eles, destaca-se o papel decisivo de Tomás Mazzoni, também um pioneiro da crônica esportiva especializada em futebol. Trabalhava, desde 1930, como chefe da seção de esportes do jornal *A Gazeta* e também exercia importante função em *A Gazeta Esportiva*.¹⁶ Possuía em ambos os jornais uma coluna diária, a qual assinava como “Olimpicus”. Seu tema principal estava voltado para os problemas de administração e organização do

15 Lembremos que é também de Nelson Rodrigues a expressão “complexo de vira-latas”.

16 Jornal fundado pelo poeta e jornalista Adolfo de Campos de Araújo, em 1906. Em 1918 foi comprado por Casper Líbero que o transformou num dos maiores órgãos de imprensa da época, dado ao grande investimento na modernização do veículo. Busca, ao longo do tempo, ter características de um jornal popular, de linguagem acessível e diagramação mais atraente. Em 1928, cria o suplemento de esportes que no início saía apenas às segundas-feiras. Em 1938, esse suplemento passa a se chamar *A Gazeta Esportiva*, em 1939 passa a receber fotos coloridas e, em 1941, saía também aos sábados. Em 1947, o suplemento ganha sua autonomia. Em 1943, em um acidente aéreo no Rio de Janeiro, Casper Líbero veio à falecer e deixa todo o seu complexo de comunicações para uma Fundação que recebe seu nome (Negreiros, 1998).

futebol em São Paulo e no Brasil. Fator que também está presente nos livros que publicou.¹⁷

As principais características de sua escrita fogem às preocupações mais poéticas do grupo de escritores e jornalistas cariocas aqui já citados. Mazzoni visava muito mais discorrer sobre as teorias e as técnicas ideais para a prática futebolista, valorizando o futebol enquanto ciência. Voltava-se também para a questão da organização e administração, procurando fortalecer as associações e as ligas, enfim, criar e expandir um futebol oficializado e, antes de tudo, profissional.

Importante lembrarmos que nesse exato momento o Brasil vivia sob o regime do Estado Novo e, ao mesmo tempo, São Paulo e mesmo o Rio de Janeiro vivam uma profunda crise política-administrativa no futebol – principalmente, pela transição do amadorismo para o profissionalismo. Sendo assim, tais idéias de Tomás Mazzoni não apenas solicitavam ou colaboravam para, mas, sobretudo, exigiam uma ação decisiva: a intervenção estatal sobre o futebol e seus grupos antagônicos.

Atitude que, paulatinamente, desde o final da década de 30 e passando por todo os anos 40, foi se estabelecendo. Tal perspectiva pode ser facilmente confirmada. Basta lembrarmos que em 1938 a seleção brasileira pela primeira vez vai a uma Copa do Mundo FIFA com jogadores não apenas da liga do Rio de Janeiro¹⁸ e sob financiamento de variados setores da sociedade;¹⁹ além disso, emblemático também foi a realização da Copa seguinte em território brasileiro, pois após forte interesse e atitudes da diplomacia, desde o início dos anos 40, o Brasil já era o país preferido para a realização do evento que, devido à guerra, só veio a se concretizar em 1950.

Como Mário Filho, só que três anos após o lançamento da primeira edição de *O negro no futebol brasileiro*, ou seja, em 1950, Mazzoni também escreve uma obra que se pretendia um tratado historiográfico sobre o futebol no país: *A história do Futebol Brasileiro*, publicada pela editora

17 Principais obras: *O Brasil na taça do mundo* (1938); *Problemas e aspectos do nosso futebol* (1939); *História do futebol no Brasil: 1894-1950* (1950).

18 As duas primeiras Copas do Mundo FIFA – 1930 e 1934 – foram marcadas pela participação de equipes brasileiras apenas formadas por jogadores cariocas devido à desentendimentos entre os dirigentes.

19 Viveu-se um clima de forte envolvimento de variados setores da sociedade brasileira, inclusive para o financiamento do selecionado para a participação no torneio realizado na Itália: torcedores de vários níveis sociais, empresas grandes e pequenas, eram chamados à contribuição tanto por iniciativas estatais como privadas dos diversos meios de comunicação (Negreiros, 1998).

Leia. Nitidamente, percebemos uma preocupação do autor, através de sua narrativa, em trazer uma história linear e evolutiva da prática do futebol no Brasil, reconhecendo que sua pesquisa se detém sobretudo às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.²⁰ Mas, mesmo assim, sua construção da história do desenvolvimento do futebol no Brasil procura, claramente, estabelecer São Paulo como um centro de referência. Vê, apesar das constantes disputas internas, os paulistas como, não só como pioneiros,²¹ mas também como os mais progressistas e capazes de administrar o esporte e promover seu, conseqüente, progresso.

Resumindo, tanto os trabalho de Mazzoni nos jornais, quanto em suas obras literárias, há um grande interesse, como nos cronistas cariocas, em exaltar a força e importância do futebol e relacioná-lo com os ideais de nação. Mas, as semelhanças param por aí.

Enquanto os cronistas cariocas preocupam-se principalmente com a questão de um caráter único de jogar do brasileiro, em relação profunda com a mestiçagem, Mazzoni, sem desqualificar o futebolista nacional, insiste em dizer que há a necessidade de o desportista brasileiro se desenvolver tanto enquanto praticante do esporte, como enquanto membro da sociedade. E não apenas o atleta, mas todos os envolvidos com o futebol, de dirigentes à torcedores. Enfim, o futebol, como os demais esportes, deveria estar à serviço da educação e saúde da nação. Em outras palavras, enquanto para aqueles o futebol era algo inato do brasileiro, facilitado em sua prática principalmente pela herança africana presente na sociedade e o diferenciando de um modo de jogar bem mais rígido do que o do Europeu, por exemplo; para Mazzoni, o futebol no Brasil servia de instrumento para promover a educação, o desenvolvimento tanto físico quanto mental de todos. Assim sendo, o futebolista nacional tinha sim características particulares, mas estas de nada serviam se não fossem somadas à uma profunda dedicação em treinamentos que privilegiassem um bom preparo físico e técnico. Nesse sentido, o mesmo se aplicava aos demais envolvidos, pois a disciplina serviria para contagiar a todos,

20 O autor, já na introdução de seu trabalho, menciona o quanto era difícil obter fontes a respeito da história futebolística de outros estados da federação e durante a narrativa procura, ao menos, fornecer informações dos campeões e eventuais episódios dos campeonatos de diversos estados.

21 Interessante observar no início do trabalho uma foto de página inteira de Charles Miller escrito na legenda logo abaixo: “introdutor do futebol no Brasil”. Valoriza-se, sobretudo, sua natalidade paulistana: “... sempre se pensou que este pioneiro fosse um inglês que veio para o Brasil para se estabelecer e que aqui tivesse dado a conhecer o futebol. Nada disso. (...) nasceu no Brasil, em São Paulo, filho de pais ingleses” (Mazzoni, 1950, p. 17).

inclusive torcedores. Como podemos perceber, por exemplo, em um de seus textos em que mostra sua indignação diante da aceitação de substituições e jogadores em partidas realizadas no Brasil, contrariando as regras oficiais da Fifa:

O valor de um quadro está na sua resistência, na sua eficácia, impondo, com isso, o seu valor ao adversário. Se um quadro “prega” é porque não aguentou a toada do competidor que se apresentou mais preparado (...) Não está certo que a substituição, em dado momento, venha renovar as energias das fileiras dos quadros inferiorizados. (...)

Esta inovação que surgiu em nossos campeonatos, e que vigora ainda em vários Estados, seria repelida, estamos certos, em qualquer parte onde se pratica o futebol *association*, pois desvirtua as regras que o regem e, por conseguinte, a própria finalidade do jogo. E, além de tudo, veio também demonstrar sua inconveniência sob o ponto de vista econômico. (Mazzoni, 1939, pp. 114-116)

A última frase do excerto acima nos dá condições para caminharmos um pouco mais em nossa argumentação. Lembrando que o fator econômico influencia constantemente as afirmativas de Mazzoni. Assim, como representante de um grupo importante que pretendia a hegemonia e a expansão do futebol de acordo com seus particulares interesses, a nosso ver, o cronista trabalhava para trazer para o futebol a intervenção estatal, menos pelo ideal nacionalista, inegavelmente presente naquele momento. Seu estadonovismo nos indica uma pretensão que vai além do mero direcionamento do futebol como uma prática educadora de uma nação disciplinada para o trabalho.

Algo mais era pretendido. E isso gira em torno da questão econômica. O estabelecimento de um grupo controlador do futebol que, a partir daí, surge como oficial, não apenas para o Estado, mas também para a Fifa, significava profissionalização, valorização de atletas, de renda, de interesse geral pelo futebol, aumento das vendas dos diários e periódicos especializados (inclusive, fator interessantíssimo para o grupo Casper Libero). Consequentemente, abria perspectivas de maiores rentabilidades para um futuro não muito distante, em que se aumentaria

significativamente a relação imprensa, *marketing* e futebol.²² Nesse sentido, faz-se importante citar que para o jornal ao qual Mazzoni estava ligado, ao contrário dos ideais de Mário Filho, a propaganda em suas páginas era muito bem-vinda.

Referências bibliográficas

ANTUNES, F. R. F. (2004). *Com brasileiro não há quem possa!: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo, Editora da UNESP.

ARROYO, J. (2003). *Travestismos culturales: literatura y etnografía em Cuba y Brasil*. Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana.

BHABHA, H. K. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG.

BANCHETTI, L. D. (2006). *Histórias das Copas*. São Paulo, Museu da Pessoa.

_____. (2009). De vira-latas ao não há quem possa!: identidade nacional e seleção brasileira (1950-1958). *36º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos - CERU*. São Paulo.

_____. (no prelo). De “vira-latas” ao “não há quem possa!”: seleção brasileira e identidades (1950-1958). *Revista Cordis*.

BANCHETTI, L. D. e MACHADO, F. M. (2009). *O futebol rouba cena! O “estádio-monumento” enquanto palco de tensões sociais: o caso do Pacaembu*. *Histórica* (São Paulo. Online), v. 5, p. 39.

CAPRARO, A. M. (2007). *Identidades imaginadas: Futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. Tese de doutorado. Curitiba, UFPR. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/13529/2/Tese%20Defesa%20-%20capa.pdf>. Acesso em: 15/9/2009).

CASTRO, R. (1992). *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Cia. das Letras.

FEITOSA, T. S. A. (2009). *Futebol, violência e a imprensa esportiva escrita na cidade de São Paulo (1999-2000)*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC/SP.

²² A copa de 1938 acabara de demonstrar esse potencial. Logo após a chegada da delegação brasileira com o comemorado terceiro lugar na competição, vários foram os exemplos de uso da imagem de atletas em anúncios de produtos como cigarros, bebidas e alimentos. Sendo que o grande destaque foi o do centro-avante Leônidas da Silva que, cabe aqui lembrar, em 1942 acaba sendo contratado pelo São Paulo Futebol Clube, deixando após longos anos o futebol carioca, que o revelou.

HOBSBAWM, E. J. (2007). *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo, Cia das Letras.

LUCENA, C. T. e CAMPOS, M. C. S. de S. (orgs.) (2009). *Resumos do 36º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos*. São Paulo, Humanitas; CERU.

MAZZONI, T. (1939). *Problemas e aspectos do nosso futebol*. São Paulo, A Gazeta.

_____ (1950). *História do futebol no Brasil: 1894-1950*. São Paulo, Leia.

NEGREIROS, P. J. L. de. *A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. Tese de Doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica.

RODRIGUES FILHO, M. (1964). *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

SOUZA, D. A. de (2008). *O Brasil entra em campo!: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo, Annablume.